



## RELATOS DE CORPOS E (DES)AFETIVIDADES: MEMÓRIAS DE INSTRUÇÃO EM GILBERTO AMADO

Maria Claudia Cavalcante<sup>1</sup>

*Programa de Pós-Graduação em História –UFPE (PPGH-UFPE), mclaucav@gmail.com*

Francis Oliveira Bezerra<sup>2</sup>

*Faculdade Maurício de Nassau, francisoliveira@gmail.com*

**RESUMO:** O objetivo deste texto é percorrer os primeiros passos da construção de Gilberto Amado enquanto sujeito de saber, tomando por base o livro de memórias *História da Minha Infância* (1954) e sua narrativa acerca do modo de ensino aprendizagem baseado na ideia de instrução. Buscamos também, aqui, discutir as relações de (des)afetividades construídas por Amado em seus espaços de sociabilidades escolares, procurando entender como a sua narrativa visa a construção de um ideal de intelectual moderno, que, para o autor, parece compor toda uma estética de cuidados de si investida na composição da imagem de intelectual. Este texto é parte do projeto de tese **A construção de um pensamento político e social para o Brasil:** em estudo dos elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado, cujo objetivo, como próprio nome indica, é problematizar os elementos formadores do pensamento deste autor, procurando entender como tais elementos construíram suas interpretações sobre a sociedade brasileira e seu conceito de nação em meados do século XX.

Palavras-chaves: Corpos, (Des)afetividades, Instrução

<sup>1</sup> Maria Claudia Cavalcante é Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH-UFPE).

<sup>2</sup> Francis Oliveira Bezerra é Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS-UFCG)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Numa sala atijolada, com bancos altos encostados na parede, cercada por colegas de turma dos mais variados tipos e idades, assiste aula um cabrocha de cabeça grande e atarracada, gago a ponto de não conseguir entoar o hino da escola. Gilberto Amado, por volta de 1887, começou a frequentar a escola de Dona Olímpia, conhecida, em toda Itaporanga, como Sá Limpa. (AMADO, 1954, p. 85) Até então, o menino Amado tinha aprendido as primeiras letras com a mãe Donana. Naquele Brasil do século XIX, era comum a educação de crianças ser feita por mestres particulares, os chamados preceptores ou até mesmo pelas mães, caso estas tivessem algum aprendizado das letras, como parece ser o caso da mãe de Amado. A educação doméstica era reconhecida como modalidade adequada até certa idade, apesar de ser acessível a poucas pessoas.

A sala da escola abria para rua que dava logo para a lama. Os meninos saíam da escola a patinar na água barrenta. E entravam na sala com os pés enlameados, trazendo consigo excrementos e, com eles, desinteria e ameba. Alguns, iam para casa com sezões, chegando a ter ataques. “Batiam os dentes, começavam a tremer”. A professora Sá Limpa os cobria com um saco velho por detrás de uma porta. No fim da aula, eles voltavam suando e com um ar de quem saíam da escuridão, piscando

os olhos. Iam pela rua trocando as pernas” (AMADO, 1954, p. 91).

Os bolos da palmatória ainda violentavam as mãos dos meninos a ponto de o mijo escorrer por entre as pernas (AMADO, 1954, p. 85-88). Para termos ideia das condições escolares vigentes no Sergipe na primeira década do século XX, basta destacar que, nas vésperas da instauração da República, o presidente da então província, Dr. Francisco Ildefonso Ribeiro de Menezes, denunciava as condições de funcionamento das escolas públicas, informando suas precárias condições de existência, enfatizando a falta de espaço e luz, os olhos nus das crianças que sentavam em tábuas ao rés do chão, onde não havia nem mesa para os professores, nem tampouco livros para os alunos estudarem. Entre os anos de 1889 e 1910, quatorze atos tentaram organizar a instrução primária no estado. Estes atos constatavam as precárias condições que circundavam as práticas de escolaridade no Sergipe, fortemente denunciadas pelos presidentes que governaram o estado (OLIVEIRA, 2004, p. 75 -79). Pela narrativa de Amado, podemos inferir que mesmo sendo a escola de Sá Limpa particular, as condições de escolaridade daquele espaço de saber pareciam não se diferenciar tanto das demais



escolas públicas do estado de Sergipe.

O objetivo deste texto é, como indica as linhas anteriores, percorrer os primeiros passos da construção de Gilberto Amado enquanto sujeito de saber, tomando por base o livro de memórias *História da Minha Infância* (1954) e sua narrativa acerca dos modos de ensino e aprendizagem baseado na ideia de instrução. Buscamos também, aqui, discutir as relações de (des)afetividades construídas por Amado em seus espaços de sociabilidades escolares, procurando entender como a sua narrativa visa a construção de um ideal de intelectual moderno, que, para o autor, parece compor toda uma estética de cuidados de si investida na composição da imagem de intelectual. Este texto é parte do projeto de tese **A construção de um pensamento político e social para o Brasil**: em estudo dos elementos formadores do pensamento de Gilberto Amado, cujo objetivo principal, como próprio nome indica, é problematizar os elementos formadores do pensamento deste autor, procurando entender como tais elementos construíram suas interpretações sobre a sociedade brasileira e seu conceito de nação em meados do século XX.

Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria era primeiro de quatorze filhos de Ana de Lima Azevedo de Sousa Ferreira e Melchisedech de Sousa Amado. Nasceu em Sergipe, em 7 de maio de

1887 e morreu no Rio de Janeiro, em 1969. Atuou como professor, escritor, político, jornalista e jurista. Na década de 1950, Amado escreveu cinco livros de memórias que, nas suas palavras, tinham a finalidade compreender “uma vida em seus múltiplos desenvolvimentos”<sup>3</sup>. No livro *História da Minha Infância*, Gilberto Amado nos apresenta a sua versão das práticas de escolaridade em Sergipe em fins do século XIX. Ali estão relatados as suas impressões sobre a escola e o internato que frequentou, as relações com seus mestres e colegas de turma, as condições de insalubridade dos espaços. Pensamos que, nessa escrita de si, Amado tece suas relações de (des) afetividades, demarca espaços, constrói a si e constrói outros.

Segundo as memórias de Amado, havia, na escola de Sá Limpa, meninos de todas as idades: seis, dez, quinze, dezoito anos... Meninos de engenho mandados tardiamente para as escolas. “Caipirinhas”, “pixains”, “cabos verdes”, “sarárs”, “italianos”, outros “banguelas”, “zarolhos”, “tártaros”, “perebentos”. Havia também meninos com “umbigos grandes”, “tufudos”, “empinados”,

---

<sup>3</sup> AMADO, Gilberto. *Depois da Política*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 195. A série de seus livros de memórias é constituída por cinco volumes, organizados de forma linear: *História de Minha Infância* (1954), *Minha Formação no Recife* (1958); *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa* (1956) *Presença na Política* (1958), *Depois da política* (1960).



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“pendentes como quiabos no meio da barriga”. Meninos que comiam carços de jaca e bunda de tanajura assada, além de cacos de telha nova, dos quais Amado só lembra suas panças e faces tristes (AMADO, 1954, p. 90-91). Todos esses personagens se diferenciavam do autor de *História da Minha Infância* em sua narrativa. Afinal, ele era filho do coronel Melk, dono da loja mais famosa da cidade, chefe político, homem que trouxe o teatro para Itaporanga. A professora Sá Limpa entra para as memórias de infância de Amado como um dos seres fantásticos que povoavam sua imaginação infantil, “como uma das visagens que [...] crespusculavam os olhos na primeira sonolência noturna.” (AMADO, 1954, p. 85) A mulher hidrópica, de barriga imensa, parecendo um baú dava aula de leitura e operações aritméticas. Uma educação instrutiva, na qual o objetivo para as primeiras letras era fazer com que os alunos armazenassem o básico. Segundo Durval Muniz Albuquerque Jr (2005), a educação como instrução pensava a criança como um armazém, cuja finalidade era, como a palavra sugere, armazenar a maior quantidade possível de conhecimento, levando-se em consideração apenas as faculdades de ler, escrever e contar. Esse tipo de aprendizagem visava desenvolver as capacidades e formar o “pupilo” que se tornaria o erudito, alguém com a habilidade de memorizar uma grande

quantidade de detalhes raros, exóticos, pouco acessíveis à maioria das pessoas.

A instrução seria o tipo de aprendizado destinado às sociedades tradicionais, nas quais o objetivo maior era a manutenção do status quo, daí a pouca preocupação com a transformação social. Não existe, nesse tipo de ensino, lugar para ideia de formação. A ideia de formação é uma ideia moderna por excelência. Tem a ver com a ideia iluminista e positivista de evolução do espírito. A ideia de formação visa a educação integral da criança: corpo e mente disciplinados. Daí o surgimento da Educação Física como disciplina se dar, na Europa, apenas no século XIX, momento esse, em que a educação corporal é relegada ao patamar de inferioridade em relação à educação intelectual. A emancipação humana dizia respeito apenas ao espírito, daí a submissão do corpo ao intelecto. O corpo tinha um novo cárcere: a razão. “A emancipação é identificada com a racionalidade da qual o corpo, estava por definição excluído.” (BRACHT, 1999, p. 70)

Gilberto Amado não praticava Educação Física na Escola de Sá Limpa. Sua narrativa dos corpos dos outros, os diversos “outros” que se destacam em suas memórias - “banguelas”, “zarolhos”, “tártaros”,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“perebentos”- indicam que o aprendizado, baseado na ideia de instrução não se preocupava com a noção de formação corporal e, portanto, de construção de um corpo higiênico. A ideia de formação é também uma ideia de disciplinarização do exótico, do selvagem que nos habitam. É uma ideia de aprimoramento da razão. Se a narrativa de Amado acerca das práticas de escolaridade vivenciadas na sua infância dão indícios de um processo de aprendizagem baseado na noção de instrução e, portanto, pouco atento à disciplina e higienização dos corpos, não podemos nos esquecer que o Gilberto Amado que escreve suas memórias na década de 1950, é um sexagenário que, ao longo da construção de sua subjetividade, teve acesso tanto ao ensino instrutivo, quanto a uma formação baseada nos ideais iluministas, evolucionistas e positivistas aprendidos no Recife.

Gilberto Amado é esse personagem que vivenciou o período de transição entre os séculos XIX e XX, por isso sua subjetividade mescla repertórios de performances erudita e intelectual. Não é à toa que os colegas de turma desfilam no relato de Amado, caracterizados de modo a distinguir-se do autor. São “perebentos”, “tártaros”, “zarolhos”, doentes de faces tristes. O ato de

rememoração sempre traz um passado novo, posto que é produto do presente. O passado a ser dito no presente é dito de outra maneira, como bem nos lembra Jeanne-Marie Gagnebin (2009), ao discutir o pensamento de Walter Benjamin. Isto é, o ato de lembrar parte do presente e, como tal, está impregnado de convenções elaboradas neste tempo histórico e do desejo que o autor possui de construir uma dada imagem de si. Gilberto Amado, quando destaca em sua narrativa, esses corpos precários, sujos, enlameados objetiva marcar seu lugar no presente como corpo higiênico, disciplinado, dotado de razão. Corpo ideal ao intelectual do século XX. A intelectualidade, nas memórias de Gilberto Amado, parece estar relacionada ao ideal de um corpo higiênico, saudável, racional, disciplinado, tal como é pensado o ideal de formação a partir da modernidade.

Assim, para demarcar seu lugar de intelectual que tem lugar no presente, posto que não baseia sua atuação apenas no armazenamento de conteúdo, mas também no cuidado com o corpo, Amado visa, acima de tudo, fugir do ostracismo a que parece ter sido relegado, dado o insucesso de seus romances. Ele almeja se salvar da morte em vida por meio da escrita de suas memórias. É o próprio Amado que, em carta de 3 de novembro de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1956 a Olívio Montenegro, fala do malogro de seus romances:

A verdade é esta. Depois de longos anos de silêncio, após o malogro dos meus romances, pensei ter terminado o que não chegou a ser sequer uma carreira literária. Em 1952, porém, encontrando-me em Paris, sobre o rigorosíssimo e intenso tratamento médico, andei desconfiado de que iria morrer. Comprei um ditafone e soltei para o aparelho em justamente vinte e oito dias aquilo que está em História da Minha Infância. Minha preocupação era deixar alguma coisa antes de desaparecer no esquecimento total.<sup>4</sup>

A escrita de memórias é uma luta contra morte, uma tentativa de se eternizar por meio de palavras. No caso de Amado, podemos dizer que a preocupação em destacar em suas memórias a ênfase em um corpo saudável, higiênico, racional e disciplinado é também uma luta contra um corpo que, no momento de escrita de suas memórias, é um corpo convalescente, assaltado pela possibilidade da morte. Um corpo que carrega

<sup>4</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA, Acervo Pessoal de Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria.

consigo não só o peso da doença, mas também o peso do malogro dos seus romances e de seu ostracismo intelectual. A preocupação de Amado com o corpo é recorrente em sua escrita memorialista. Amado, apesar de se achar feio, se preocupava com a saúde desse corpo que, apesar de feio, deveria ser um corpo saudável. Enquanto que para grande parte dos rapazes que frequentava as repúblicas de Salvador e Recife, ter marca de sífilis na pele era sinal de virilidade. Amado classificava este tipo de comportamento como “boçalidade sexual”, chegando a fugir de mulheres que carregava “moléstias do mundo”.

Dominado, desde cedo, por um senso naturalístico da vida, acreditando em micróbios, contágio, infecção, e disposto a não sacrificar definitiva e desnecessariamente a saúde, não me deixei arrastar e imolar na facilidade em que via tantos colegas se desgraçarem. Troçavam-me na sua inconsciência; não podiam compreender que eu me preservasse como o fazia. A mulata provocava-me, usava de todos os meios de atração. Defendi-me, não a deixei sequer aproximar-me. Tinha



medo até do hábito  
distante (AMADO,  
1954, p. 21).<sup>5</sup>

Os primeiros anos de escolarização de Gilberto Amado é, notadamente, marcado por uma forma de aprendizado baseado na noção de instrução. Isso se repetiria no Colégio Oliveira em Aracaju, internato onde o autor diz ter estudado precariamente português, francês, geografia, aritmética e latim.

O internato entra na narrativa memorialística do autor como momento marcado por extrema violência. Uma castração da infância. O esfacelamento de uma identidade que rompe os laços de pertença à Itaporanga e, com esta ruptura, o fato de ser reconhecido como filho do Coronel Melk, dono da maior loja de Itaporanga e chefe político da situação. Em Aracajú, o jovem Gilberto era apenas afilhado de seu padrinho o qual o autor denomina de “L”. Foi, em Aracajú, que Amado se deu conta de sua gagueira, estigma que, aliás, segundo Miceli (2001), acompanhou muitos intelectuais contemporâneos de Amado<sup>6</sup>. Em Aracaju, quem é esnobado é Amado. Amado não tem os brinquedos que os filhos de seu

padrinho tinham, nem tampouco lera os livros que os demais meninos haviam lido. (AMADO, 1958a, p. 221-222).

O colégio ia-me por face a face com uma realidade diferente. Aí não se tratava de fruta fundindo-se no paladar; mas de caroço de mastigação difícil exigindo dente duro. Embalde procurar iludir a memória chamando-a a deter-se nalguma refração agradável. Tudo, ao contrário, se embacia numa opacidade fechada. Colégio interno em Aracaju, Colégio Oliveira, único aliás do Estado, tinha de internato, no sentido normal do termo, apenas o nome. Era uma casa chata de muitas janelas, junto do quartel, numa esquina no fim da rua da Frente, no caminho da Fundação. Na calçada, debaixo de uma enorme barriguda e um tamarindeiro que ensombrava, alunos externos e internos fervilhavam soltos com as moscas e mosquitos, em tórno dos vendedores de frutas e dos tabuleiros de doces. A recordação não se associa a lembrança de estudo, meninos de livros nas mãos, cabeças pendidas sôbre em mesa de aula. (AMADO, 1958a, p. 232-233)

<sup>5</sup> Conferir maior aprofundamento sobre o assunto em CAVALCANTE, Maria Cláudia. **Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacos de si: intelectualidade e memória em Gilberto Amado** / Campina Grande, 2009.125 f.

<sup>6</sup> Segundo Miceli (2001), eram gogos Humberto de Campos, Lima Barreto e Hermes Fontes.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O colégio aparece na narrativa de Amado apenas como experiência que o tornara homem, pois, nesse espaço, o menino Amado entrou em contato com a face perversa das pessoas, inclusive a sua. O internato em quase nada acrescentara a sua formação intelectual, uma vez que a própria direção e administração do colégio sob os cuidados do professor Oliveira parecia ser um fiasco. Segundo o autor, o diretor era um fraco que chorava sem motivos e além de tudo era mandado pela esposa e filhas (AMADO, 1958a, p. 233), ou seja, nem mesmo o diretor Oliveira correspondia ao tipo de homem forte e másculo, tido por Amado como ideal para a direção de um colégio que se destinava a formar homens.

Uma experiência crucial, nesse processo, foi quando Gilberto, impelido pelo chefe dos meninos, diz ter sido obrigado a dar uma sova em um de seus companheiros, cumprindo com sua função de sentinela do quarto, largando a corda em Conradinho que quis passar sem permissão. “O menino abaixou-se, as cordas apanharam-no no rosto de maneira infeliz, o sangue jorrou.”(AMADO, 1958a, p. 232). Antes do episódio do assassinato de Anníbal Theophílo (Conf. CAVALCANTE, 2009), a face instintiva e violenta de Amado já estava exposta.

De acordo com Esmeralda Blanco Bolsonaro de Moura (1999), a identidade da criança e do adolescente é construída a partir de elementos que incorporam o idílico e a relação com o sagrado, a partir de características como temeridade, imprudência, fraqueza e fragilidade. Foi com um ato cruel, segundo Amado, influenciado por um colega de internato, que o menino Gilberto entra no mundo adulto. O colégio interno de Aracaju entra para as memórias de Amado como um agente de defloração de sua infância, porque além de simbolizar a desterritorialização em relação ao mundo familiar, também põe Amado em contato com face má das pessoas e com a sua própria. O colégio rompe, portanto, com o mundo idílico da infância em Itaporanga, aquele mundo de meninos tártaros, zarolhos, com umbigos pendentes no meio do bucho que metiam o pé na lama. O colégio interno que, segundo Ana Maria de Oliveira Galvão (1998), era tido como casa de correção, sanatório, prisão que servia para amansar, endireitar, consertar os alunos, põe Amado frente à face selvagem daquele autor, despontando-o para o seu reconhecimento enquanto adulto.

Por meio da demarcação de lugares, espaços de sociabilidades, caracterização e relatos de des(afetividades), Gilberto Amado inicia, em *História da Minha Infância*, o percurso de construção de sua imagem



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

enquanto homem de saber dos séculos XIX e XX. Seu discurso sobre a infância apresenta elementos de um modo de educar baseado no ideal de instrução. Os elementos selecionados em suas memórias perseguem o objetivo principal de construir sua imagem de intelectual racional, disciplinado, higienizado e dotado de razão. Tais ideais pareciam conferir substância ao corpo debilitado e soterrado de memórias. Um corpo e um intelecto que para fugir do esquecimento, recorre às palavras.

### REFERÊNCIAS

AMADO, Gilberto. **História da minha infância**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.  
\_\_\_\_\_. **Depois da Política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **De armazém a campo cultivável: a instrução e a formação como diferentes formas de aprendizagem e como diferentes relações com o saber e com a leitura, produzindo subjetividades e sujeitos outros**. Línguas e Letras, Cascavel/ Paraná, v. 6. N. 10, 2005, p. 249-271.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto/99, p. 69-88.

CAVALCANTE, Maria Claudia. **Em frente ao espelho, recompondo e decompondo cacos de si: intelectualidade e memória em Gilberto Amado** / Campina Grande, 2009.125f.

GAGNEBIN, Jeanne- Marie. Walter Benjamin: estética e experiência histórica. In.: ALMEIDA, Jorge e BABER, Wolfgang (Orgs.). **Pensamento alemão no século XX. Grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil**. Volume I. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 141-158.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “ A palmatória era a sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba (1890-1920). In.: FILHO, Luciano Mendes de Faria. (Org.) **Modos de Ler e formas de escrever**. Belo Horizonte: autêntica, 1998, pp 117 – 140.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo/ Rio de Janeiro, 1979, p. 56.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. **Legislação e educação. O ideário reformista do ensino primário em Sergipe na Primeira República 1889-1930**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Fundamentos da Educação pela UFSCAR Santa Catarina, 2004.

### Acervo:

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/ARQUIVO MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA, Acervo Pessoal de Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria